

## A Destinos e des(a)tinios de um tempo: imagens do corpo em João Gilberto Noll

Tania T. S. Nunes ([ttsnunes@gmail.com](mailto:ttsnunes@gmail.com))  
(<http://lattes.cnpq.br/9069793470082893>)

O tempo é um rio formado pelos eventos, uma torrente impetuosa. Mal se avista uma coisa, que já foi arrebatada, e outra se lhe segue, que será carregada por sua vez.

Marco Antônio, *Meditações*, p. 21-180

A existência humana é constituída pelo tempo. Hoje, viver as fronteiras do presente é marca de uma angústia existencial que aponta para o paradoxo do homem partido e do corpo em sintonia com a máquina em luta armada pela sobrevivência a unir **destino** e **desatino** no mesmo fio desencapado da vida.

Platão pensou o tempo tomando como referência a eternidade. Já Aristóteles no contexto ao ligar o ser à natureza relaciona o tempo com lugar e movimento. Hegel pensou o espaço, em sua verdade, como tempo, mas referindo-se a ele como ponto. Um espaço que não apreende o ser. A superação da pontualidade enquanto indiferença significa um não mais subsistir na quietude paralisada. O ponto se estilhaça, diante de todos os outros pontos. Bergson descreveu a presentificação do tempo enquanto duração. Para Benjamin, tal como Bergson e Proust, o tempo é o instante-já.

O presente é o que revela a continuidade do tempo, o agora, é elo de união entre passado e futuro, ao mesmo tempo demarca o fim do passado e o princípio do futuro. **Presenteísmo** é a expressão de Hobsbawm que melhor resume essa intensificação do presente na cultura contemporânea. Esse presente sem história e sem memória não ultrapassa o imediato.

Zygmunt Bauman, o sociólogo da **Era da Modernidade Líquida**, afirma que se vive o tempo do instante. Fluidez e instantaneidade são palavras de ordem hoje em que tudo é urgente. Vale lembrar, a tradição da análise filosófica do instante (Reichmann, 1981; Bachelard, 1932), justamente para não confundir o presente com o instante atual, pois este como ponto invisível resgata a singularidade do momento da iluminação religiosa e da presença do Infinito ou Deus. Essa tradição que se prolonga até a concepção do instante de Nietzsche, que se vale da imagem da porteira:

Vê esta porteira... Ela tem duas faces. Dois caminhos se juntam aqui: ainda ninguém os seguiu até o fim. Este longo corredor para trás: ele dura uma eternidade. E aquele longo caminho para frente – é uma outra eternidade. Estes caminhos se contradizem: eles se chocam frontalmente e é aqui nesta porteira que eles se juntam. O nome da porteira está escrito ali em cima: Instante (NIETZSCHE, 1983. p. 243).

Para João Gilberto Noll, renomado escritor da literatura brasileira com inúmeros aforismos filosóficos em sua obra, o **instante** encontra-se perdido na memória: “Um instante, nem antes, nem depois, a princípio passando feito onda fraca logo amortecida pela praia. Um instante que ainda poderia se recuperar dentro de outro, caso não se dissolvesse logo na primeira falha da memória” (NOLL, 2003. p. 95).

O tempo é o **agora** em que o homem, o corpo, as coisas e as palavras estão presos, enredados nos mistérios de construção de suas narrativas ou nas teias de sua escrita. O olhar desse artista investe na estrutura de seus projetos de escrita com uma realidade tal que se vê querer ultrapassar a fronteira do real. Seleciona o homem mínimo e comum para apresentar o homem plural, o coletivo, o público nas entrelinhas do privado. Este autor produz uma forma própria para refletir sobre o destino do homem através da sua imaginação e criação artística. É nesse sentido que Noll diz “só ganhamos porque botamos tudo a perder”, mas salva o homem e a arte nesse perder.

O **agora** é um período de tempo muito variável, construído pelas necessidades da ação e do conhecimento. Mas que compreensão se tem hoje sobre o presente? Trata-se da transformação no modo pelo qual o presente se manifesta, ou seja, como presença do virtual não como modelo da coisa, perceptível ou pensada, como matéria ou espírito. Hoje, o presente não mais se apresenta como atual, mas como virtual.

As novas tecnologias constituem um universo em que a imagem substitui o real, não para eliminá-lo, mas para pôr a imagem como real. Pierry Lévy relata o universo das inovações tecnológicas como advento de uma efetiva integração planetária dos homens: “a cibercultura dá forma a um novo tipo de universal: o universal sem totalidade”. Isso porque “o ciberespaço não engendra uma cultura do universal porque de *fato* está em toda a parte, e sim

porque sua ideia implica de direito, o conjunto dos seres humanos” (LÉVY, 2001. p. 119).

Em **Portais secretos. Acessos arcaicos à Internet**, Nilton Bonder argumenta sobre a metáfora da janela ligada à realidade virtual (*Windows*). Mas convida seu leitor a refletir sobre o destino do povo judeu e sua íntima relação com o tempo, já que durante séculos foi o povo do sem lugar, o tempo (a espera) tendo substituído o lugar, ou de um lugar feito de tempo (1996. p. 34). No filme, **O outro lado da rua** (2004) de Marcos Bernstein, a solidão do humano é uma realidade compensada por aquele quadrado que invade a rua e leva o olhar de uma mulher continuamente a atravessá-lo até querer desvendar um crime. Aquela corpo vive a realidade da vida dos transeuntes da rua e mistura sua vida vazia a vida deles: uma forma de viver o interdito além do seu próprio espaço e do encontro imaginado com o outro.

Mas não só o lugar é constituído de tempo, mas o espaço da conexão entre o corpo e o espaço, o ciberespaço, um novo território de construção de identidades, de encontros, de relacionamentos, de individualização, mas de subjetividades que funda o corpo. Por sua vez, a máquina pela sua função, também forma o homem através de imagens plásticas, da mídia e da dinâmica da rede de sintonia que cria entre sujeito-corpo e objeto-máquina.

Este artigo pretende investigar as temáticas do destino e do des(a)tino a partir de duas narrativas de João Gilberto Noll. **A máquina de ser** (2006) que relata o **destino** do homem no tempo de agora, aquele que age ante os acontecimentos como um autômato. O corpo vai ao encontro das mercadorias para delas captar a alma e vida. A imagem do **des(a)tino, Mínimos, múltiplos, comuns** (2003) está presente no homem vago, no homem do penhasco quase escondido no tempo, fragmentado em sua identidade, que aponta para o coletivo, desmemoriado em sua ausência, sofrimento e dor, quando desconhece a si mesmo ante a presença exagerada das coisas frente ao seu abandono em **estado submerso**. Em **Iniciação**, o narrador esclarece: “Fiz o quê? Nada, apenas fiquei atuando no papel de estar imerso em minhas próprias veredas – sim, esses veios de consumo interno, e só” (2006, p. 132).

A ideia é ler a contundente narrativa de **A máquina de ser** e pensar o homem que busca energia nas coisas muito iluminadas, que se apresenta

inserido no automatismo do instante, que age sem convicção, mas por impulso, aquele que continua a sustentar o esqueleto como máquina assusta-se ante a realidade e sem pulso empurra a vida e a dos seus. E, em MMC seguir a errância do narrador-escritor que se move nas engrenagens do nada, no abismo da existência para não ter sua essência apreendida, posto que precisa manter-se no papel de observador para escrever sua **teologia da aberração**. Por isso esse eu descentralizado, rachado, sem passado nem futuro, sonolento, em solidão, vazio, vive o agora.

Sobre o futuro nada se sabe, no entanto, há uma falta de perspectivas, um silêncio doentio e negativismos a alimentar o homem oriundo provavelmente da incerteza que o presente revela. Mas que imagens do corpo Noll traça nessa **cultura do desfazimento**, esvaziada de sentido em que o homem do presente vivencia?

Em suas narrativas encontra-se o corpo inflamado em contínua desintegração e transformação, aliás, como quase tudo neste momento de liquidez e laços fluidos, sempre em mutação. Uma luta entre o invisível e o visível, o interior e o exterior, o inconsciente e a racionalização e o público e o privado. Mas nada disso aponta para uma construção dicotômica, pelo contrário. Homem – obra – vida perfazem uma ética relacional e estão no cerne dessa escrita.

Esse corpo é espelho, pois o leitor encontra-se nele refletido e nele se reconhece no flagelo da sua condição depauperada. Um mundo, cada vez mais incerto, ambíguo, avesso, sombrio, bárbaro e inóspito. Noll busca que o homem excluído no tempo seja conhecido através de sua palavra. E, ainda assim o narrador conscientemente lamenta: “o tempo é de pensar um outro destino” (2003. p. 399). Eis a sina transgressora da linguagem desse autor.

Se as narrativas contemporâneas não estão centradas mais em um determinado tempo linear ou psicológico. A memória tornou-se obsessão, traz a experiência do vivido como uma janela aberta onde o presente registra a contemplação da paisagem do passado que, às vezes, é deserto; outras pomar e em outras **leite derramado**<sup>1</sup>. No entanto, é fato que a lógica da evolução cultural do nosso sistema social ainda nos escapa. Vive-se em tempo de

---

1 Segundo imagem trazida em obra homônima de Chico Buarque (2009).

embates, de guerra. A memória nestas narrativas cria um lugar feito de texto, uma forma de preencher o vazio existencial.

Noll traz em **Mínimos, múltiplos, comuns** sua **razão de Estado**<sup>2</sup>. A imagem da palavra como “bóia de salvação do mundo”. Sua literatura aponta para um autor presente em seu objeto. Desempenha uma missão quase sagrada cumprida através da arte. Recentemente perguntado “como é sua relação com seus livros”, Noll desvenda:

Sou meio dividido na minha linguagem com a literatura. Eu a amo e ao mesmo tempo acho-a uma madrasta, porque ela me tirou tudo o mais – enfim, um conforto mais adequado a alguém que vem da classe média... É uma vida de renúncia, mas não estou nem aí para isso [...] (MACIEL, 2008. p. 95).

A vida é o destino do homem. Mas destino e desatino nesse autor é fruto de um olhar apurado para o tempo presente. Um de seus narradores diz: “Tanto fazia se eu já parecia um homem destituído de origem (2006, p. 73). Segundo Noll, a literatura só tem explicação pela magia da escrita. Na sua concepção “escrever é um delírio”, é pensar o homem e a vida.

Acho a questão da natureza muito mais presente, por exemplo. O desejo de eles [protagonistas] fugirem pro mundo da natureza, pro mundo selvagem, ser árvore, ser bicho... Às vezes, você está numa extremidade tão avantajada dentro da condição humana que você tem vontade mesmo de voltar a espécies mais elementares. É muito presente nos meus livros essa luta entre o ser e o não ser – que já está em Hamlet, quando ele começa a bancar o louco. É o próprio *to be or not to be* o que é que eu estou ganhando com estar vivo? O que representa isso para mim? Para os outros? No meu caso, tenho a literatura pra pensar (MACIEL, 2008. p.96).

Desembrulhar esse corpo-palavra na literatura da contemporaneidade é uma atitude imperiosa para pensar a cultura como vivência em tempos de ausência de totalidades. Para Noll, narrar é revelar o escondido, é denunciar o que o mundo finge não vê. Aqui ele ilumina as coisas acima mesmo da própria essência do humano. No templo da mercadoria, *shopping*, o narrador de Noll é um monge, ou seja, reza sua teologia para salvar-se: “As coisas todas

---

2 Consoante pode ser visto na introdução de **As flores do Mal**, escrita por Paul Valéry sobre a missão da escrita em Baudelaire.

pareciam vazar um pouco de sua energia e assim ficavam cada vez mais anêmicas em suas silhuetas, mais brancas” [...] (2006. p. 85).

#### DESTINO: UM CORPO ‘EM ENFRENTAMENTO NAS SUTILEZAS DO PASSAR’<sup>3</sup>

Os filhos da mandioca não ganham da máquina nem ela ganha deles nesta luta. Há empate.  
Mário de Andrade, *Macunaíma*, p. 65.

No início do século XX, o líder modernista já pensava à frente do seu tempo, embora o brasileiro ainda se encontrasse perplexo ante o mundo novo.

A máquina retirou do homem a capacidade de relacionar-se com o outro e sua maior capacidade de segurança no mundo: o trabalho. Produzir já não é a única função do homem ao consumir suas energias diárias. A palavra trabalho virou obsoleta e trabalhar para muitos no mundo globalizado do capital já não se configura como meio de vida, mas meio de morte e a vida virou sobrevida, tênue fio a transpor todos os dias.

Importa dizer que há séculos as máquinas trazem um grande leque de discussão em todas as instâncias do conhecimento:

As máquinas são adoradas porque são belas, e apreciadas porque conferem poder; são odiadas porque são feias, e detestadas por imporem a escravidão. [...] Mas quando é desafiado a considerar a máquina do ponto de vista daqueles que têm de viver e trabalhar com ela, sua resposta é pronta. Pode frisar que, devido ao funcionamento da máquina, aqueles homens podem comprar mais mercadorias - muito mais - do que os bisavós poderiam. Consequentemente devem estar muito mais contentes que os bisavós - a aceitarmos a suposição que todo mundo faz. (RUSSEL, 1973, p.58).

Russel escreve este texto em 1928. Portanto, hoje, mais de oito décadas depois não se admite tamanha idealização da máquina. Dependente da tecnologia, até a mais miúda que seja, o homem escraviza-se e como um motor de lata alguns indivíduos tornaram-se seres autômatos, insensíveis, inumanos, que se recusam a pensar e agem como se acionassem um botão em seu corpo e daí passam a funcionar.

Óbvio que tudo tem dois lados. A máquina hoje desafia o homem. O mercado consumidor oferece o último modelo do telefone celular, do palm, do computador, do MP3, do MP4, do GPS e vai se engendrando nessa conexão,

3 Referência feita pelo crítico Paulo Scott na apresentação de **A máquina de ser** (2006).

uma rede sem fios de siglas sem fim, embora saibamos que sem a máquina não haveria a evolução que o mundo técnico-científico hoje presencia. Neste sentido, as máquinas ampliam também o tempo de vida do homem.

Noll apresenta em sua literatura o corpo enquanto palavra e mensageiro de um tempo. Por isso, o narrador protagonista alerta o leitor: “Era só acionar a máquina de ser, que tinha no meu corpo um intérprete” (NOLL, 2006. p.122). Vamos acionar essa máquina e ver a interpretação desse corpo autômato que João Gilberto de Noll fabricou para seu leitor.

**A máquina de ser** traz o mundo de hoje, fagocitado, engolido autofagicamente pela velocidade do tempo. Apresenta a resignificação do espaço, do corpo como território da inquietude e da peregrinação na infrutífera busca do relacionamento humano dissolvido em nosso mundo. O autor apresenta o homem em seu limite de suportabilidade entre encontros e desencontros, desejos e vontades, buscando um sentido mais forte para existir, uma concreta e angustiante realidade produzida pelo momento, ou seja, escravo, de si mesmo e dos sistemas organizacionais estabelecidos, sobrevivendo entre a sina e o desatino. Um dos narradores desta obra nos diz: “eu seria escravo e agora por inteira vocação” (NOLL, 2006. p. 45).

Estes contos espirram narrativas sufocantes que, ao mesmo tempo, que sufoca, asfixia e comove o leitor. É vivência, experimento e tentativa contínua de afetar leitores capazes de desafiar o mundo da representação e do real pela interpretação que, neste caso, é transcender e avançar em searas alheias. Desvendar territórios, somar novas terras em cada página e reconhecer-se nas suas entrelinhas, revelar-se entre a capa e a palavra final.

O que Noll faz nesta narrativa insulada pela solidão do homem em seu tempo e espaço é apresentar uma máquina-de-ser não a que tomou o lugar do homem na produção, mas o homem-estado-de-máquina, ser-homem-destino; ser-estado-de-desatino que traduz em seu comportamento, hábito e ação a identidade da máquina na sua função prioritária: encontrar-se no tempo. Tudo em nosso mundo globalizado requer menos tempo, menos cuidado com o mundo, com o outro e com si mesmo. Na transitoriedade absurda da vida, na sociedade consumista do imediatismo, em que os relacionamentos estão engendrados nessa rede de exiguidade e ausências de seres, de ausência de



humanos em que tudo se transforma e transmuta em nada, em vazio em segundos: tudo é descartável.

No entanto, tudo tem também o seu preço. Caminhamos a passos largos para o fim da primeira década do século XXI, em meio a tantos avanços tecnocientíficos e biotecnológicos, o homem vê-se saturado de modernidade e paga com a corporeidade e o sacrifício do ser as consequências de sua utopia desenvolvimentista. Neste momento em que a crise das utopias destituiu o homem de pensar o futuro, no mundo consumista da matéria, os seres humanos despem-se de si mesmos e veem-se em contínuo abismo identitário, temporal e espacial, onde muitos não sabem aonde ir. Estão parados, mas dialogando com a máquina. A solução para a sobrevivência neste mundo futuro ainda é um enigma e esbarra em algumas indagações a serem respondidas: como dividir o pouco que se tem com tantos que nada têm? Como fixar laços de relacionamentos? Voltaremos à época das tribos em que cada um convive com seu grupo ou já estamos nela?

O *homo-sapiens* cedeu lugar ao *homo-faber*. Hoje a exclusão produziu o *homo-sacer*, o mundo consumista elegeu o *homo-economicus* ou o *homo-consumens*, ambos em pleno sentido na sociedade de mercado. O *homo-automaticus* tem seu corpo como protagonista de muitos contos de Noll e torna-se escravo dos artifícios que inventa. A tecnologia amplia redes de conexão sem limitação de espaço e tempo, mas também promove o exílio dos pobres e a exclusão dos analfabetos virtuais. O *homo-sexualis* muda seus parâmetros de pensar o encontro dos corpos nessa transitoriedade em que sexo e amor muitas vezes não suportam mais o mesmo espaço de tempo e local. É preciso, porém, refletir em busca de alternativas futuras para a complexidade da existência ante o avanço tecnológico. O *homo-creator* poderá achar alternativas individuais, uma vez que o coletivo, o todo, só se compõe pelas partes. Mas, em **A máquina de ser**, que *homo* ou *hominis* está presente na narrativa de João Gilberto Noll?

Podemos afirmar que estes estágios humanos coadunam com a conceituação de Nietzsche sobre as metamorfoses do “sendo” (corpo, Deus, ideias, leis naturais, fórmulas, família, relacionamentos, etc) em que a arte pode ser considerada como vontade de suplantar o devir, como eternização.



(Vontade de Potência, p. 250) Sócrates anunciou na célebre passagem da Apologia (38a): “A vida sem exame não vale a pena ser vivida.”<sup>4</sup> Parmênides disse: “Não se pode pensar o que não é...” – Nietzsche se encontra em outra extremidade e diz: “o que pode ser pensado é necessariamente uma ficção” (1983. p. 241). Hoje são outros tempos. Por isso, acreditamos que o que é para ser pensado precisa trilhar o caminho da ficção, da literatura porque esta também é uma máquina de expressar pensamentos.

Noll é tido como um autor de uma grafia porosa, segundo Silvano Santiago, com sua escrita de pensamento inteligente não predispõe somente a relatar fatos ou acontecimentos atuais, mas representar vazios e sensações do homem do tempo do instante. Eis alguns contos de **A máquina de ser**:

**No dorso das horas.** O tempo é o grande referencial neste conto. O tempo, a luz, o olhar, a imagem e o homem são com estas variantes que Noll vai escrever esta narrativa. Daí o corpo e as horas em seu criativo título. O tempo da instantaneidade e da velocidade da luz. Transformar um homem em imagem: esta é a proposta da narrativa, que apresenta a gravação de um documentário da ação às cegas do narrador por um casarão “sem nenhuma ideia preestabelecida” (NOLL, 2003. p.11-12).

É notável a estrutura estética deste conto. Em pouquíssimas páginas João Gilberto Noll inclui mais um narrador anônimo, característica de suas obras, que se move maquinalmente, obedece ordens de um diretor, onde caminha a esmo observado pelo olhar de um homem por traz de uma câmera, sequer sentidos o guiam, pois usa uma luva para diminuir-lhe o tato. Foge do olhar da câmera uma vez que sabe que através da luz está sendo despido de tudo até mesmo da condição de movimento próprio: “abaixei-me que nem em câmera lenta” (NOLL, 2003. p. 11).

O próprio narrador afirma que o seu olhar para a câmera é “um certo confronto à beira do ridículo”. Não esqueçamos que o olhar do cinema é um olhar sem corpo por isso vemos melhor pela telona. É um narrador-personagem que relata o encontro com o olhar do “outro”, mesmo por traz da máquina. Sente calafrios e decide fugir “de qualquer consciência da cena”. Move-se, corre, sempre em direção nenhuma, machuca-se ao retirar as luvas e

---

4 MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Ética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 17.

dar de encontro aos móveis naquele espaço labiríntico que bem parece poder ser inscrito ao que se assemelha a uma caverna (NOLL, 2003. p.12).

Mas, titubeia, mostra-se consciente, deslumbra fluxos de luz e durante algum tempo naquele espaço terá forças apenas para contemplar as sombras e o tato que lhe dará a ideia das coisas que apalpa, apontando para o que chamamos de transformação do real para a representação e do seu estado de ser-corpo em ser-imagem, projetado pela luz. Aqui, o corpo guiado segue normas a partir do olhar de uma máquina, segue uma sequência sob comando: “Entre mais fundo pelo recinto. Mais um pouco ainda. O espaço não parecia ter fim. Ali dentro eu não precisaria guardar interdições”, ou seja, a discussão platônica nos mostra que “a ausência de interdições” importa na ausência da ética, pois “o indivíduo que age de modo ético é aquele que é capaz de autocontrole, de governar a si mesmo”.<sup>5</sup>

O narrador continua: “meu físico como que pegava fogo, ardia, tamanha a atmosfera de súbita liberdade”. Pede, através do diretor, que “deixe fluir o seu estar”. A linguagem desta narrativa está centrada nos semas do discurso cinematográfico: câmera, cineasta, diretor, filme, cena, iluminação, quadro, luz e som. E o tempo é o grande veio condutor do desenrolar do conto – uma estratégia inteligente na construção da escrita – marcada pela condição da luz no espaço, em caráter cada vez mais ascendente, iniciando em “luz bem baixa” até o momento final em que, livre de qualquer interdição, o narrador sente pelo toque um corpo ressonando no chão. A luz torna-se penumbrosa, “a luz vinha de uma pessoa que até ali não vira. Vinha dela, cada vez com mais intensidade.” A luz se fazia quase feérica até o encontro dos corpos, quando ele abraça aquele corpo “numa proximidade espantosa, feito quisesse evitar o [seu] olhar sobre o [dela] e ao mesmo tempo escondê-lo dos demais.” As trevas é o oposto das luzes. A visão como sabemos precisa da luz sem a qual desaparece. (NOLL, 2003. p. 9-14).

Mas a narrativa segue de forma tensa. “O diretor, que tão pouco interferia, desta vez veio drástico, ordenou: Afastem-se um pouco para que mutuamente possam se olhar. Como soldados ao fim da batalha, mas ainda a vislumbrar promessas” (NOLL, 2006. p. 14).

---

5 MARCONDES, Danilo. Platão. **Textos Básicos de Ética**, Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 18.

O final surpreende e choca definitivamente o leitor: dois corpos pai e filha: “minha filha médica sorria... mas como se não reconhecesse assim de perto”. O corpo iluminado dá ao narrador a consciência de si mesmo e do outro. Um encontro incestuoso e visceral. Um encontro des-simbolizante, um corpo roubado, uma excitação pulsional sem o consentimento do sujeito. O corpo adquire, assim, um caráter de extraterritorialidade, [de palavra].<sup>6</sup> É, sobretudo, o encontro de dois seres familiares desconhecidos. Pessoas unidas pela carne, mas afastadas até o momento em que a luz ilumina conscientemente os olhares e estes se fundem no mesmo espaço, no mesmo território do ganha-pão, do trabalho com o corpo (NOLL, 2003. p. 14).

Noll deixa aqui uma luz que promete iluminar as páginas seguintes de **A máquina de ser**. Prende o leitor da primeira a última página. Não há mais nenhuma confusão entre aparência e realidade. A sociedade de comunicação de massa mostra com frequência a beleza de um encontro sexual como sendo um episódio, quando atos assumem o instante do instinto. O conto não passa pela discussão de sexo, gênero, preferências ou inclinações que são dependentes da escolha do sujeito. O encontro foi o tempo breve de um piscar, um instante do olhar. O sexo foi a concretização da cena, que segundo o narrador, seus diretores estavam “sedentos pelo seu devir” (NOLL, 2003. p.12).

Devir é um vir a ser, tornar-se. O devir é um acontecimento que extrapola o tempo cronológico, impondo uma relação de movimento e repouso; fixidez e agitação que vai determinar a intensidade dos corpos. O devir só é encontrado nas coisas e nas formas. Por isso, é encontrado na Forma corpo. Devir é, também, o modo de individuação da intensidade, embora precise das formas para se manifestar. Noll sabe que a literatura é devaneio, é desatino e tem de perfurar pelas palavras. “A escrita é inseparável do devir” e a

literatura é delírio [...] O delírio é a doença e é a medida da saúde. É uma doença a cada vez que erige uma raça pretensamente pura e dominante e é saúde quando invoca essa raça bastarda, oprimida que não para de agitar-se sob as denominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura (DELEUZE, 1993. p. 14).

---

6 TESON, Juan Eduardo. **Incesto: o corpo roubado**. Revista Ide, nº 41, sobre Erotismo, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo: <http://www.sbpsp.org.br> . Acesso em 12.1.2007.

Este conto e outras narrativas de Noll nos conclamam a pensar atitudes e hábitos no mundo da velocidade e aceleração. O homem age inconscientemente até no amor, porque seduzir, conquistar, o encontro saudável e até o sexo seguro gasta tempo. O narrador em **Inebriada**, outro conto, relata a posição do feminino e do masculino ante a sexualidade:

Um terceiro aroma, e tão insinuante, que dele emanava uma espécie de mantra, ainda inaudível por certo... Lembro que invejei tremendamente a reserva erógena que provinha dessa fêmea. Lembro ter lido em algum lugar que alguns machos vivam esse mesmo sentimento. Assim era bem mais poderoso o ato de ser violado do que o de violar. O corpo que se deixa invadir tem inúmeros e súbitos gozos. O que invade tem apenas um a cada coito, se tanto, a sensibilização em volta do membro não se compara a da mulher que acolhe. Quando acaba, o homem termina vendose na indigência outra vez. Precocemente. E cai no sono. Enquanto ela acalenta o sumo desse cara que ronca – rrrrrrrrr... (NOLL, 2006, p. 67).

E, quantas vezes o corpo real não se deixa invadir pelo corpo virtual sem até perceber? Mas é na indigência e em devaneio que Noll coloca esse homem midiático, onde as mercadorias são objeto de desejo e fetiche: “um dia vou te levar nesse depósito, caixas e caixas de sapato enfileiradas, você vai ver...” Mas podem ser descartáveis como o próprio homem, que é desprezado como refugio e lixo (NOLL, 2006, p. 61).

**A máquina de ser**, conto que dá nome à obra, aponta para a ideia de que “cada conexão social pode ter vida curta, mas seu excesso é indestrutível. Em meio à eternidade dessa rede imperecível, você pode se sentir seguro diante da fragilidade irreparável de cada conexão singular e transitória.”<sup>7</sup>

Em teclas imaginárias, dedilhei suavemente talvez interpretando um noturno a tanger em mais uma cota de evasão diária, cota cada vez maior, já quase a me furtar a linha entre o lazer, o sono, a atividade, a inércia. (NOLL, 2003. p. 119).

O narrador anônimo deste conto é um estrangeiro que trabalha na embaixada brasileira, está em busca de si mesmo e de sua missão no mundo. Tudo o que faz é caminhar, “caminhava a esmo, desatento, sozinho, como

---

<sup>7</sup> Ibidem, p. 79.

gostava sempre de fazer em qualquer lugar”. Há aqui a exiguidade do tempo, daquele indivíduo que se vale da tecnologia que o mercado do capital hoje oferece para a praticidade da vida. No entanto, não há mais tempo para se apreciar a poesia. Apresenta a cultura no global: embaixada, estrangeiro, multinacional, comida exótica, coca-cola, país-continente, língua estranha. Mas faz pelo aparelho celular uma conexão com a rede local através de um amigo que cita um poema de Rafael de Quental<sup>8</sup>: O bloqueio no escuro /entre os lençóis calcina a alva saia da manhã (NOLL, 2003. p. 119).

E, no mundo globalmente móvel, onde os investimentos também são moventes, o encolhimento do espaço suprime o fluxo do tempo: “Lembrei que eu agora só sabia beber um cálice de vinho às portas da madrugada”, alude o narrador (NOLL, 2003. p. 120). Não há tempo para algumas liberdades. Embora as pessoas na solidão do acesso à máquina, mesmo sem sair do lugar, possam agora ter uma falsa sensação de mais tempo, pois somos todos andarilhos sem ser *flâneur*, sem sair do lugar, nossos corpos desfrutam de liberdade de escolha de acesso à televisão pelo *zapping*, surge um novo ser em errância, o *zapeur*, um novo verbo para conjugar: zapear. Hoje “estar em movimento não é mais uma escolha, agora se tornou um requisito indispensável” (BAUMAN, 2005, p. 34).

Por sua vez, o narrador ao movimentar-se pela cidade estrangeira vê vitrines, mas “não eram tantas, nem especialmente belas”. Tudo concorre para o imediatismo de sempre, pois todas as grandes cidades já não guardam tantos segredos culturais há uma tendência ao conhecimento do desconhecido em simples pesquisa antes de se pisar no local a ser visitado. “Trouxera mapas contendo várias regiões do país. Seus usos e costumes, como se isso ainda pudesse vigorar” (NOLL, 2003. p. 121).

O narrador pós-moderno de Noll sabe que “antigamente era o mapa que refletia e registrava as formas do território. Agora, era a vez do território se tornar um reflexo do mapa.”<sup>9</sup> Mas na verdade hoje até os mapas são obsoletos

---

8 Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) é filho do poeta português Antero de Quental. Sobressaiu-se como caricaturista. Sua maior iniciativa foi o lançamento do jornal **A Lanterna Mágica** (1875) onde nasceu a figura do **Zé Povinho**, tão acertada no seu conteúdo, que permanece no imaginário português com uma reforçada carga simbólica. COUTO, Matilde Tomás. Figuras da Cultura Portuguesa, em <http://www.instituto-camoes.pt>. Acesso em 30.5.2007. Uma das mais belas virtudes que ele não tem, é **vencer os impulsos da natureza**. No conto tanto o simbólico, quanto à figura emblemática representam o homem que Noll insere em suas narrativas.

9 Ibidem, p. 42.

na função de guiar o homem pelas cidades. O GPS socorre, rastreia, direciona e encaminha para o destino certo. As cidades remodelam seus espaços. Os arquitetos, ao longo do tempo, reinventam a mesma cidade. Uma forma de felicidade racional (Bauman).

No mundo globalizado, não há mais uma cidade que represente uma só cultura. A culinária é um exemplo, é tão global quanto à economia. Podemos comer comida japonesa no Rio ou em Paris, assim como uma especialidade árabe em qualquer outro país europeu. Alguns restaurantes oferecem tantas variedades que é possível reunir iguarias de vários locais do mundo em um só prato: uma refeição híbrida e multicultural. No entanto, o local guarda certos aspectos intrínsecos à culinária representativos somente daquela localidade. Assim também ocorre com a língua, o povo, o comércio, a arte, etc

O narrador comprova isso ao interromper o garçom que tenta lhe antecipar os ingredientes do prato: “eu queria surpresa absoluta no prato típico do país”. Não há mais surpresas, quando tudo pode ser escancarado em um instante de tempo. Pode-se até assistir a uma operação em tempo real e no mesmo instante em outra tela ver um filme, ouvir música, estudar, cantar um som, enfim estar em conexão com vários territórios, vários mundos ao mesmo tempo (NOLL, 2003. p. 120).

No entanto, nas cidades literárias desse autor existe sempre uma névoa a encobrir sensações e enigmas. Em **A máquina de ser**, o estrangeiro lê em um folheto que em um “ponto mais longínquo da capital, em meio à sua floresta, a crença na vida após a morte era abatida depois de o visitante ser tragado por céleres encontros” (NOLL, 2003. p. 121). Embarca o narrador na rápida profusão do seu pensamento, e, com sua máquina de ser vara a trajetória do conto, percorre corredores do castelo, onde

os hóspedes tinham acesso ao instante magnético e magnífico dos corpos, não das almas, não da carne, mas a uma nova suma teológica extraída da nossa santa ignorância, porém, o ápice dessa conquista era quando as crenças num mundo *pós-mortem* se desvaneciam ao som das vibrações e dos gemidos (NOLL, 2003. p. 121-122).

Na instantaneidade de uma mudança de página, pois também a narrativa se acelera, uma virada magnética e magnífica nos fatos contextualizados. O texto aponta. Tanta tecnologia, mas o homem continua em

busca de uma crença em outro mundo, busca amparo, pois sabe que o sagrado já não traz respostas para as inquietações humanas.

Uma nova missão revela o estrangeiro, agora pela palavra. O estrangeiro em sua máquina de ser sofre uma metamorfose de andarilho a peregrino antes de desejar sua própria morte diz: “poria a minha cabeça a trabalhar por umas causas úteis, que naqueles tempos tinha a forma de sondagens em prol de um firme intercâmbio tecnológico entre os nossos dois povos” (NOLL, 2003. p. 122).

Imagina a sua terra natal com “máquinas agrícolas novinhas”. O seu pertencimento. Agora tinha uma razão para continuar a trabalhar no chão estranho do outro, assinar papéis na Embaixada para que alguns funcionários tivessem motivo de voltar no dia seguinte.

O senso de continuidade de uma função, manter a criatividade e o corpo trabalhando a favor do emprego do outro, quando o mercado local das grandes cidades se vê encolhido pelo desemprego fruto das negociações comerciais globalizadas. Era o *homo-economicus* em ação.

O escritor deixa nas linhas finais da narrativa a solução: “Era só acionar a máquina de ser, que tinha no meu corpo um intérprete. E mandar ver... pronto para seguir vivendo... **Era preciso, era preciso, a vida se fazia de minuto a minuto**” (NOLL, 2003.p. 122).

## DES(A)TINO DE UM CORPO, EM OBRA-CALEIDOSCÓPIO

Da triste humanidade o fim lhes custa: perguntam qual será a terra, a face, qual forma a sua, dos mortais vazia? Quem irá às aras ministrar incenso? Será talvez o mundo entregue às feras? O que foi dos homens será entregue aos brutos?

Ovídio, *Metamorfose*, verso 245-250

Por que começar com *Metamorfose* de Ovídio? O narrador de Noll nos responde: “cumprindo o destino de uma lenda ou coisa assim” (2003, p. 335).

Um pergunta nos cativa: Será talvez o mundo entregue às feras? O que foi dos homens será entregue aos brutos? Este texto escrito entre os anos 2 e 8 da Era cristã, no auge da Idade de Ferro, fazia uma premonição para o homem. Sabe-se que a conhecida classificação que dividia a humanidade em Idade do Ouro, Idade do Bronze e Idade do Ferro não teve sequência. No



entanto, sociólogos relatam que cada vez mais as pessoas gostam de ser vistas como mercadorias. Vivemos a Idade do Dinheiro, regida por Mommon, deus pagão da riqueza. Noll fala da **deusa da ausência**, aquela que rege a humanidade com profana inteligência, a mulher.

Importa acrescentar que destino e des(a)tino andam juntos na trajetória da vivência humana e também no mundo da literatura. E enquanto este é sempre uma incógnita o outro às vezes se configura em consequência desse caos que está instaurado no mundo. Por exemplo: o homem des(a)tinado ante a incerteza da contemporaneidade e a ausência de utopia. Por sua vez, a unidade da escritura de um texto não está em sua origem ou no voo ou viagem do autor, mas no seu destino-final e este cabe a cada leitor desvendar e traçar sua trajetória de leitura, posto que só ele tem a chave desse enigma. Interpretar é um desafio subjetivo.

Ao enveredar, no entanto, pelo “prazer do texto” pode-se pensar que o destino dará cada leitor ao texto; no entanto, o des(a)tino está também na própria loucura da escrita, no delírio de escrever como relata Noll. O texto dá provas de que deseja o leitor, quando este se envereda pela leitura para encontrar o prazer do texto, e o texto de prazer. Nessa ambiguidade, não há passividade nessa tríplice estrutura: escritor-texto-leitor. Todos em seu momento próprio passam pelo desatino. “O escritor dirá então: louco não posso, são não me digno, neurótico sou” (BARTHES, 1993. p. 11).

A questão do prazer e da fruição responde também a uma inquietação, que é a referência de um autor, de uma época histórica dentro de outra. O prefaciador compara **Mínimos, múltiplos, comuns** à epopéia de Dante; em suas páginas amareladas encontramos vínculo com a temática da **metamorfose** de Ovídio e em sua rica linguagem João Gilberto Noll contrapõe também a dicotomia apresentada por Goethe em **Fausto**: o sim contra o não; ao avesso e aforismos de Guimarães Rosa e ao traço dilacerante de Clarice, embora seja considerada sua literatura como uma **prosa da deformação**. Barthes ressalta que entre “o prazer e a fruição não há senão uma diferença de grau” (BARTHES, 1993. p. 30).

Mas que destino Noll dá ao corpo em **Mínimos, múltiplos, comuns**? Noll também escreve sua metamorfose. Na verdade **Fusões e metamorfoses**

integram também as engrenagens do nada que com o nada, o verbo e a desmemória integram o subtítulo **Gênese** desta obra. A importância que Noll dá às transformações se encontra entre a palavra e a memória. Um estágio intermediário que inicia no homem e no mundo (os nadas), passa pela palavra para chegar aos desmemoriados, os des(a)tinados. Em **fusões e metamorfoses** estão **os mimetizados** que trata da dissolução dos corpos em espaços enlameados, sem energia para emitir um juízo

ele não saberia naquele instante erguer o corpo e dizer: “Já vou”. Emitir um juízo, expressar uma aquiescência ou uma dissensão, não importa tudo isso exigia apoderar-se de seu próprio contorno e evadir-se em sua magra dimensão”, na busca de reavivar a imagem líquida movida por uma força que vinha das vísceras do mundo (NOLL, 2003. p. 63).

Em fusões se lê: “cobria-o inteiro com o líquido que dessa vez parecia dissolvê-lo no barro da fronteira”. Em **Os petrificados**, encontram-se as ruínas do corpo, o crepúsculo, o desfazimento do corpo em fóssil: “A pessoa então tocou-me o braço. Era fria, de uma mudez marmórea. Então postei-me como uma estátua. E assim fiquei.” (NOLL, 2003, p. 59; 67).

**Os volatizados** são corpos em estágio de desaparecimento, pulsão, perecível, transparente, têm a necessidade de ser fera, são seres ansiosos e fatigados; **os camaleônicos** integram os corpos ante o aprimoramento da técnica da reprodução das imagens, do papel da máquina em constante evolução enquanto o homem interiormente não evolui. Aqui os títulos remetem à **sessão** e ao **cinemascope**, onde se lê:

Manchas fazem os personagens. Alguns borrões parecem se beijar [...] Sua memória hoje apropria-se sozinha e sovina dos registros. Aliás, tudo. As mãos dele lembram cortinas se desfazendo em teias. A nota de dinheiro, verdadeira enguia. [...] E quando se senta e olha o mar escuro e poderoso ele não passa de uma pincelada tremulante. Já quase submersa no vasto céu da paisagem (NOLL, 2003. p. 70-71).

Enfim, apresentando o avesso das coisas, o contrário das próprias ambiguidades que cria, é assim que Noll metamorfoseia seus corpos. Depois de mortos, viram espectros e diluem-se, transformam-se em manchas, traços, borrões, pinceladas no mar da existência onde o dinheiro é verdadeira enguia, são peixes com aparência de cobras fluviais e marinhos.

O fato é que, no mundo do capitalismo selvagem e excesso de tecnologia, o homem se desfaz. Mas o dinheiro continua ter seu poder soberano. É ele que a tudo transforma. Benjamin alude que “o jogo é um corpo-a-corpo com o destino... Joga-se a dinheiro – o que significa a possibilidade imediata e infinita (BENJAMIN, 1989. p. 249). A vida é um desafio. E, é também um jogo e na contemporaneidade nada supera a possibilidade infinita que o dinheiro tem exercido sobre o homem. Nessa trajetória o homem vive algumas décadas, mas parece que nada supera o poder do capital que bestializa a tudo e a todos.

Eis o conflito entre o homem, as coisas e o mundo na narrativa de Noll. Um ponto e não se sabe como seguir. Às vezes, o leitor impactado fecha o livro, mas carrega suas imagens por dias no consciente. O próprio narrador-escritor expõe seu desatino, seu duelo com a vida e desvela-se, desnuda-se frente ao leitor: “As curvas da estrada eram tantas que agora talvez quisesse uma reta, mesmo que não levasse a nada”. Sempre os nadas, os nãoos e ninguéns incluídos nessa trajetória às vezes íngreme, às vezes sombria, às vezes aquática, às vezes enlameada, muitas vezes arruinada e ensanguentada a espirrar sobre o homem que o escritor borra em sua potente prosa. Uma arte que não é profética, mas aponta para o mundo em descompasso, o homem vivendo sua quase morte, a contravida e exemplo de uma ambivalência existencial. O corpo é invólucro, é território de contato, por isso quer preservar a única coisa que lhe resta dentro de tantos nadas e nãoos.

Sobre seu corpo desmemoriado o personagem desatinado diz: “Se tal me fosse concedido [ser condenado], eu acordaria num paradeiro sumário. Não sobreviveria ao meu teimoso destino” (NOLL, 2003. p. 313). Mas que destino Noll traça para a lógica de sua criação?

Ele é um condenado a ser artista para suportar sua existência. Está condenado a costurar o texto continuamente. Está condenado a catar os farrapos do mundo e com ele construir um mundo em cima de cascalhos, uma nova obra. Está condenado ao contínuo olhar paralisado sobre as coisas até quase se petrificar como elas; está condenado a tirar das ruínas, do lixo o texto renascido; assim, está condenado a ser um doente surtado, um alegórico, um aforista, um crítico do mundo doente, um observador das sombras, um artífice

da palavra escrita, um poeta do verso sombrio, um filósofo em busca de uma ideologia; um teatrólogo a montar tragédias humanas, condenado a ser médico (curandeiro desse corpo continuamente inflamado e vivendo o agora, o instante); condenado a ser geógrafo e vasculhar o território do “submerso” para encontrar uma única nesga de luz a rebrilhar para redimir – através de sua palavra – esse homem abandonado nas sombras, carregado de ausências e perdas e sem saída para esse múltiplo desarranjo em que vive, embora pareça uma existência incomum, na verdade, presentifica o comum.

Segundo Benjamin, “na impertinência do esfarrapado sempre há um resto de vitalidade” (1987. p.162). Aqui não há como negar essa verdade. A vida continua sendo destino ou desatino, um jogo de sorte ou de azar. **Em nome do filho** (texto) João Gilberto Noll vira do avesso toda a vivência angustiante deste homem e deixa sua utopia:

Mas enfim, até ali, mesmo que ele tivesse ingressado em algum estado limite, esse estado, como quase tudo na vida, poderia acabar desaguando em outra situação, talvez melhor (2006. p. 15).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARTHES, Roland. O prazer do texto. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. Vidas desperdiçadas. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hermes Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. Rua de mão única. *Obras escolhidas II*. Trad. Rubens R. Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONDER, Nilton. Portais secretos. Acessos arcaicos à Internet. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

DELEUZE, Gilles, La Littérature et la Vie, *Critique et Clinique*. Minuit, Paris: 1993.

HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: Ensaio e conferências. São Paulo: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Ser e o tempo. São Paulo. Vozes, 1986.

HOSBAWM, E. A Era dos extremos: o breve do século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2001.

MACIEL, Edson Roig. O desassossego segundo João. Entrevista. Revista de Literatura Brasil-Brazil. Rio Grande do Sul, nº 37, ano 21, dez. de 2008.

NIETZSCHE, Friederich. Obras completas. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. [Col. Pensadores]

NOLL, João Gilberto. A máquina de ser. São Paulo: Record, 2004.

NOLL, João Gilberto. Mínimos, múltiplos, comuns. São Paulo: Francis, 2003.

RUSSEL, Bertrand. Ensaios céticos. São Paulo: Ópera Mundi, 1973.

### **SOBRE A AUTORA:**

Tania Teixeira da Silva Nunes possui mestrado pela Universidade Federal Fluminense em Literatura Brasileira. Graduação em Letras - Português/Literatura pela Universidade Plínio Leite, Pós-Graduação em Letras - Português/Literatura pela Universidade Plínio Leite : Área de estudo: Leitura; pós-graduação em Literatura Brasileira e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio (2005). Graduação em Ciências Físicas e Biológicas - Faculdades de Humanidades Pedro II (1978). Atualmente é professora em duas Escolas na rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro, atuando no Ensino Médio: Língua Portuguesa, Literatura e Redação, aplicando a Literatura através da arte dramática. Possui inúmeros artigos publicados. Nove deles sobre a obra de João Gilberto Noll: site do autor, jornais (Caderno Cultura do Jornal Zera Hora de Porto Alegre), revistas (Brasil/Brazil Journal of Brazilian Literature da Brown University, Cadernos de Letras da UFF, Revista Texto e Território, Revista Querubim Revista Espaço Acadêmico e Revista Pulmão-RJ) e comunicações feitas em eventos como por exemplo ABRALIC-2005 e 2006, Encontro de Professores de Literaturas Africanas e Seminário de Alunos de Pós-graduação em Letras da UFF.

